

Uma Princesinha: Toda a História de Sara Crewe

Não sei se muitas pessoas se apercebem do quanto, além do que é escrito, existe numa história — quantas partes dela nunca são contadas —, o quanto mais aconteceu, além do que consta do livro que temos na mão e sobre o qual nos debruçamos. As histórias assemelham-se a cartas. Quando uma carta é escrita, com que frequência nos lembramos de coisas omitidas e dizemos: «Ah, por que não lhe contei isso?» Ao escrever um livro, relatamos tudo aquilo de que nos lembramos na altura, e, se contássemos tudo o que realmente aconteceu, talvez o livro nunca chegasse ao fim. Entre as linhas de cada história existe outra história, uma história nunca ouvida e que só pode ser adivinhada por pessoas boas a adivinhar. A pessoa que escreve a história pode nunca a conhecer toda, mas por vezes conhece e gostaria de uma oportunidade para recomençar.

Quando escrevi a história de Sara Crewe, calculei que muito mais havia acontecido a Miss Minchin do que o que tivera tempo para descobrir na altura. Sabia, claro, que existiriam capítulos repletos de coisas que se passavam a todo o momento; e, quando comecei a preparar uma peça a partir do livro e lhe chamei *Uma*

Princesinha, descobri três atos repletos de coisas. O que mais me interessou foi ter descoberto que havia raparigas, na escola, cujos nomes não sabia antes. Havia uma rapariguinha chamada Lottie, que era uma coisinha amorosa; havia uma faminta copeira que era a querida amiga de Sara; Ermengarde era muito mais divertida do que tinha parecido a princípio; aconteceram coisas nas águas-furtadas que não tinham sido sugeridas no livro; e um certo cavalheiro chamado *Melchisedec* era um amigo íntimo de Sara, que não deveria ter sido deixado fora da história, se ao menos nela tivesse entrado a tempo. Ele e Becky e Lottie viviam em casa de Miss Minchin, e não consigo compreender por que razão não se vieram apresentar a mim mais cedo. Eram tão reais quanto Sara, e foi descuidado da parte deles não terem emergido das sombras da história e dito: «Aqui estou eu — fala de mim.» Mas não o fizeram — por culpa deles, não minha. As pessoas que vivem na história sobre a qual escrevemos deveriam avançar logo no início, tocar no ombro de quem escreve e dizer: «Olá, então e eu?» Se não o fazem, não podem culpar mais ninguém, além de si mesmos e dos seus modos desleixados e ociosos.

Depois de a peça *Uma Princesinha* ter sido levada à cena em Nova Iorque, e de tantas crianças a terem ido ver e terem gostado de Becky e Lottie e *Melchisedec*, os meus editores perguntaram-me se eu não queria reescrever a história de Sara e nela inserir todas as coisas e pessoas que tinham, até então, ficado de fora, e assim fiz; e, quando comecei, descobri que existiam, na realidade, páginas e páginas de coisas que haviam acontecido e que nunca tinham sido incluídas, nem mesmo na peça, pelo que, nesta nova *Princesinha*, pus tudo o que consegui descobrir.

Frances Hodgson Burnett

CAPÍTULO I

Sara

Certa vez, num escuro dia de inverno, quando o nevoeiro amarelado pairava tão espesso e pesado nas ruas de Londres que os candeeiros estavam acesos e as montras das lojas brilhavam como acontece à noite, uma rapariguinha de aspeto estranho sentava-se num táxi com o pai, e era conduzida com bastante lentidão através das grandes avenidas.

Estava sentada com os pés enfiados debaixo dela, e encostava-se ao pai, que a abraçava enquanto ela olhava pela janela, para as pessoas que iam passando com uma bizarra e antiquada contemplação nos seus grandes olhos.

Era uma rapariguinha tão pequenina que não se esperava encontrar um tal olhar no seu pequeno rosto. Teria sido um olhar demasiado adulto para uma criança de doze anos, e Sara Crewe tinha apenas sete. Contudo, estava sempre a sonhar e a pensar em coisas estranhas, e não se conseguia lembrar de um tempo em que não estivesse a pensar em coisas acerca dos adultos e do mundo a que pertencem. Sentia que tinha vivido muito, muito tempo.

Naquele momento, recordava a viagem que acabara de fazer a partir de Bombaim com o pai, o capitão Crewe. Estava a pensar no navio grande, nos lascarins que se moviam silenciosamente, para trás e para a frente, nas crianças que brincavam no convés quente, e em algumas esposas dos oficiais, que costumavam tentar fazê-la falar com elas e riam das coisas que dizia.

Acima de tudo, estava a pensar em como era bizarro que, num momento, estivesse na Índia, sob o sol escaldante, e depois no meio do oceano, e depois num estranho veículo que percorria aquelas ruas bizarras onde o dia era tão escuro quanto a noite. Achou tudo aquilo tão confuso que se aproximou ainda mais do pai.

«Papá», disse com uma vozinha baixa, misteriosa, que era quase um sussurro, «papá.»

«O que é, querida?», respondeu o capitão Crewe, apertando-a contra si e baixando os olhos para o seu rosto. «Em que estás a pensar?»

«É este o lugar?», sussurrou Sara, aninhando-se ainda mais perto dele. «É, papá?»

«Sim, Sarinha, é. Chegámos, por fim.» E, embora ela só tivesse sete anos de idade, soube que ele se sentia triste ao dizê-lo.

Parecia-lhe que se tinham passado muitos anos desde que ele começara a preparar a mente dela para «o lugar», como ela sempre lhe chamara. A mãe falecera quando ela nasceu, pelo que nunca a conhecera ou sentira a sua falta. O pai jovem, elegante, rico, e carinhoso, parecia ser o único familiar que tinha no mundo. Sempre haviam brincado juntos e gostavam muito um do outro. Ela só sabia que ele era rico porque ouvira outras pessoas dizê-lo, quando estas achavam que ela não estava a ouvir, e também as ouvira dizer que, quando ela crescesse, também seria rica. Não sabia tudo o que significava ser rico. Sempre vivera numa bela mansão e habituara-se a ver muitos criados, que lhe faziam salamaleques, lhe chamavam «*Missee Sahib*» e a deixavam fazer tudo o que qui-

sesse. Tivera brinquedos e animais e uma *ayah*¹ que a adorava, e fora aprendendo gradualmente que as pessoas que eram ricas tinham estas coisas. Isso, contudo, era tudo o que sabia.

Durante a sua curta vida, só uma coisa a havia perturbado, e essa coisa era «o lugar» para o qual seria levada, um dia. O clima da Índia era muito mau para as crianças, e assim que possível, eram enviadas para fora — normalmente, para Inglaterra e para a escola. Vira outras crianças partirem, e ouvira os pais e as mães a falar acerca das cartas que delas recebiam. Sabia que também seria obrigada a ir, e, embora por vezes as histórias que o pai contava acerca da viagem e do novo país a atraíssem, pensar que ele não poderia ficar com ela perturbava-a.

«Não pode ir comigo para aquele lugar, papá?», perguntou quando tinha cinco anos. «Não pode ir também para a escola? Eu ajudava-o com as suas lições.»

«Mas não terás de ficar durante muito tempo, Sarinha», sempre lhe dissera. «Irás para uma casa simpática, onde há muitas meninas, e irão brincar juntas, e enviar-te-ei muitos livros, e vais crescer tão depressa que mal parecerá ter passado um ano antes de seres grande o suficiente e esperta o suficiente para regressares e cuidares do papá.»

Ela gostara dessa ideia. Cuidar da casa para o pai; passear com ele a cavalo e sentar-se à cabeceira da mesa, quando ele organizasse jantares; conversar com ele e ler os seus livros — isso seria o que mais gostaria no mundo, e, se tivesse de ir para «o lugar», em Inglaterra, para o alcançar, teria de se convencer a ir. Não gostava especialmente de outras meninas, mas, se tivesse bastantes livros, poderia consolar-se. Gostava mais de livros do que de qualquer outra coisa e, na verdade, estava sempre a inventar histórias acerca de coisas belas, e a contá-las a si mesma. Vezes houvera em que as contara ao pai, e ele gostara tanto delas quanto ela gostava.